

## DIÁRIO DE INQUIETAÇÕES

*Este texto foi escrito por Cinara Del Arco Sanches e apresentado como trabalho de conclusão da segunda edição do Programa Profissão Desenvolvimento, realizado pelo Instituto Fonte pelo Desenvolvimento Social – [www.fonte.org.br](http://www.fonte.org.br). Contatos com a autora podem ser enviados para [cinara@permacultura-bahia.org.br](mailto:cinara@permacultura-bahia.org.br) ou [cinara\\_delarco@hotmail.com](mailto:cinara_delarco@hotmail.com)*

### APRESENTAÇÃO

Será isso um artigo? Um conto? Um devaneio? Na dificuldade de enquadrar tal escrito, encontrei na semântica algo que se aproxima do que inicio agora. Batizo essa “obra” de diário de inquietações.

Inquietações que tomam forma e direção autônomas e muitas vezes me roubam noites de sono. Por falta de habilidade para organizá-las num belo texto, conto com a boa vontade do leitor para que caminhemos nas linhas que se seguem de forma um tanto seca, muitas vezes sem a amálgama que une um parágrafo ao outro no discorrer do raciocínio. Talvez porque o que vou abordar seja assim mesmo, estanque, solto, quase surdo e cego. Ou talvez porque eu me sinta assim nesse momento.

### NA ESCALA DO TEMPO

Há 20 bilhões de anos ocorreu a grande explosão — conhecida como Big Bang — e, num movimento sincronizado, perfeito em sua estratégia, partículas foram se juntando para formar o que conhecemos como universo. 15 bilhões de anos depois, ou seja, há 5 bilhões de anos, formou-se nosso planeta Terra. Há algum tempo encontraram o fóssil de uma mulher na África, que até então é considerado o mais antigo do mundo. Arredondando as contas, pôde-se afirmar que essa mulher tinha 3 milhões de anos. Penso em todo esforço evolucionar necessário pra chegarmos até aqui. Imagino a inteligência sutil e divina que se encarrega de ordenar e sedimentar, não só a matéria, mas os espaços e o vazio que há entre

os corpos físicos, e principalmente o inominável. Encanto-me com essa “magia” que fez todo esse processo possível. Nessa escala de bilhões e milhões, entendo que o respeito ao tempo foi fundamental, necessário, inerente ao mesmo. Que o universo e sua sabedoria infinita calcularam com muita presteza cada milésimo de segundo para tornar isso possível.

Depois do fóssil encontrado na África, muita coisa mudou. O homem continuou “evoluindo” e hoje nos identificamos como *Homo sapiens*. Sapiência, palavra cujo significado destaca a diferenciação ímpar do ser humano dos animais. A capacidade de pensar, refletir. Um ser racional, capaz de articulação de representações mentais a partir de um sistema vocal. Um ser com um cérebro bastante desenvolvido.

Uma das minhas grandes inquietações, objeto deste trabalho, se inicia com o fato de que nos últimos 100 anos, esse ser diferenciado, racional, conseguiu destruir mais de 90% das florestas do planeta e degradar mais de 90% dos solos utilizados. Ou seja, nos últimos 100 anos, o homem comprometeu de forma assustadora e irreversível sua base de sustentação na Terra: o que está por cima (florestas) e o que está por baixo (solo). Base que precisou de muitos bilhões de anos para estar apta à sustentação da vida humana na Terra.

Os processos de intemperismo<sup>1</sup> levam de 400 a 1000 anos para transformar 1 cm<sup>3</sup> de rocha em terra fértil, produtiva. É graças à ação de agentes como o vento, a água, a temperatura e a umidade, que a rocha passa por inúmeros processos de transformação até se decompor em grânulos de solo, ricos em nutrientes e sais minerais.

O ser humano, a exemplo do que ocorreu, é capaz de, em apenas 50, 30 ou 20 anos, acabar com essa fertilidade, deixando o solo muitas vezes totalmente exaurido. Ou seja, o que a natureza levou até 1000 anos para preparar, é destruído em média em 5% desse tempo gasto. A reação mais comum, na pífia tentativa de justificar tal degradação, é culpar os produtores rurais por suas técnicas reducionistas e degradadoras do meio ambiente. Mas quem consome o que é produzido nesses sistemas? Eis aqui a palavra-chave: consumo. Quem financia o mundo em que vivemos? Somos nós consumidores! Mais adiante entrarei nessa reflexão.

---

<sup>1</sup> Conjunto de fenômenos químicos, físicos e biológicos que provocam a alteração *in situ* das rochas e seus minerais.

Por enquanto, compartilho algumas das perguntas que insistentemente me inquietam: **Como serão os próximos 100 anos?** O ser humano, assim como várias outras espécies, vai desaparecer da face da Terra, encerrando, portanto, sua contribuição no processo evolutivo? Vai se adaptar de tal forma a criar uma nova realidade pós-humana, uma mistura cibernético-humana? Qual será o nível de artificialização necessário para manter o máximo possível a existência do homem na Terra? É possível mudar a estreita mentalidade que impera nas sociedades modernas? Será o que se denomina pós-humano apenas um nome para nossa ignorância? E, por fim, quando tudo isso começou? Quando foi que o ser humano passou a escolher caminhos de supressão do que o sustenta na Terra?

Minha limitada compreensão diz que o início se deu quando o homem passou a enxergar a natureza como algo fora dele. Ou, melhor localizando, quando o homem passou a se distanciar da natureza, artificializando cada vez mais seu modo de vida. Essa artificialização criou uma realidade superficial e desequilibrada, a partir do momento que fomos, nós seres humanos, extraíndo todo possível da natureza, sem nos preocuparmos em repor ou pelo menos manter nossas reservas.

## O CONSUMO E A CONSCIÊNCIA

Hoje, a humanidade já consome 25% a mais do que a capacidade de renovação da Terra. Nos próximos 50 anos, se continuarmos nesse ritmo, vamos precisar de dois planetas Terra para atender as necessidades de água, energia e alimentos. Em 2007, o dia “D” do consumo foi 6 de outubro. Isso significa que faltando quase três meses para o Reveillon, a humanidade já havia consumido todos os recursos naturais que o planeta seria capaz de repor naquele ano. Como estamos gastando cada vez mais rápido os recursos naturais, esse dia “D” acontece cada vez mais cedo. Em 1987, o ano do primeiro *Ecological Debt Day*, como é chamado o dia em que a humanidade passa a estar em débito em relação ao meio ambiente, ocorreu no meio de dezembro. Em 1995, ele pulou para o dia 21 de novembro. E no ano passado, chegou à marca histórica de 6 de outubro. Esse saldo ecológico negativo vem se acumulando ano após ano e compromete seriamente a capacidade de sobrevivência da humanidade e de manutenção da vida no planeta como a conhecemos hoje.

A melhor maneira de mudar isso é a partir das escolhas de consumo. Todo consumo causa impacto, seja ele negativo ou positivo, na economia, nas relações sociais, na natureza e em cada um de nós. Conhecendo esses impactos, podemos optar em maximizar os positivos na hora de escolher o que comprar, de quem comprar e definir a maneira de usar e como descartar o que não serve mais. Esse consumo com consciência e voltado para a sustentabilidade é denominado de **Consumo Consciente**.

## O SOCIAL E O AMBIENTAL

Não pretendo aqui fazer nenhum tratado ambientalista sobre a situação do mundo. Dados e fatos sobre isso já existem aos montes. É notório, contudo, que faltam atitudes, mas a informação e o conhecimento acerca do assunto já estão disponíveis há algum tempo. Minha intenção é compartilhar destas reflexões com enfoque na relação existente entre o campo social e o ambiental. De como nos sensibilizarmos para o fato que nossos atos cotidianos pessoais, contribuem de maneira decisiva para financiar o mundo de hoje.

**Como trazer para a realidade do profissional, facilitador de processos de desenvolvimento, a compreensão da necessidade de reflexão sobre a inextricável ligação existente entre exclusão social e degradação ambiental? Realidades estas que afetam milhares de pessoas, onde populações aprisionadas à condição de refugiados, em consequência da degradação ambiental nas suas terras de origem, são condenadas a viver nas grandes aglomerações urbanas, em áreas vulneráveis a inúmeros riscos. Como aprofundar no entendimento das relações de consumo e suas consequências alarmantes que continuam financiando esse mundo injusto, desigual e ambientalmente desequilibrado?**

Importante destacar que essa dificuldade generalizada de perceber a profunda ligação existente entre a degradação e a exclusão, parte de ambos os lados. Os movimentos ambientalistas ainda têm muita dificuldade de contextualizar de forma holística os problemas de meio ambiente, numa relação mais profunda e integrada com o social. E por sua vez, os movimentos sociais têm dificuldade de perceber que não é possível contribuir

de fato para a resolução das desigualdades, sem inserir a temática ambiental no seu cotidiano, a partir de uma profunda reflexão dos padrões de comportamento pessoais e gregários.

## PROVOCANDO

Considerando uma das mais recentes inquietações que ora relato, fruto do convívio com os companheiros do programa Profissionais do Desenvolvimento, ressalto a pergunta que lanço como provocação aos que me acompanham nessa “viagem”. **É possível cuidar dos processos sem cuidar da vida?** Por exemplo: como contribuir verdadeiramente para criar melhores condições de vida para meninos e meninas em situação de risco, quando nós mesmos vamos ao shopping e aos supermercados e não refletimos que o produto adquirido pode estar gerando os mesmos problemas? Por que consumir refrigerantes e enlatados, quando temos os sucos naturais e os produtos locais fresquinhos à nossa disposição? Será que sabemos quão diferentes são os mundos que cultivamos quando fazemos tais escolhas?

Acredito que um profissional facilitador de processos precisa, antes de tudo, de uma rotina de reflexão sobre seus hábitos, sobre causas e efeitos. Não consigo aceitar a idéia, que entendo temerária, de que os processos possam ser aprofundados sem antes o despertar para as relações invisíveis que criamos, ou deixamos de criar, com nossa própria natureza. Natureza essa que não se resume ao mental, emocional, biológico. Mas que vai além, em profundidade, na relação que desenvolvemos ou não com o meio natural, responsável pela manutenção da vida na terra.

## A VIDA, AS ORGANIZAÇÕES E AS MUDANÇAS

A natureza das organizações humanas tem sido discutida à exaustão. A mudança, vista como um processo contínuo tornou-se um dos temas predominantes. Os ambientes têm sofrido transformações com muita rapidez e é comum que tais mudanças ultrapassem a capacidade de compreensão das pessoas e assustem tanto aos indivíduos, quanto às próprias organizações. A enorme complexidade da sociedade moderna faz com que os sistemas

artificiais criados influenciem quase todos os aspectos da vida humana. E, as maravilhas da tecnologia, embora nos causem admiração por suas descortinadoras possibilidades, também geram, no campo sutil, uma sensação de desassossego. Embora tenhamos nos acostumado a viver em aglomerações humanas, cada vez mais populosas, nossa essência atávica nos gera um profundo mal-estar, fruto desta artificialização da vida. Afastamo-nos do princípio criador da vida, primordial, gerador do equilíbrio nos processos naturais, essenciais à manutenção da vida na Terra. Acredito inclusive que, por consequência disso, nos afastamos do divino, da nossa essência espiritual.

Por um lado, as organizações são criadas para atender um propósito, mas por outro, são comunidades de pessoas que interagem para construir relações, apoiar-se mutuamente e dar sentido às suas atividades cotidianas num plano pessoal. Esses dois aspectos correspondem a tipos de mudanças profundamente diferentes, e que precisam ser percebidas e aprofundadas pelo facilitador de processos. Essa compreensão não pode estar apartada da relação íntima e intrínseca, acima mencionada, entre o meio ambiente e o social. Não acredito ser coerente o apoio em processos de mudanças, quando nós mesmos não estamos dispostos a mudar hábitos e valores que contribuem para o comprometimento da vida na Terra.

## RITMOS E EQUILÍBRIO

A vida é feita de ritmos, apoiados em ciclos sistêmicos, que regulam as interações e garantem a manutenção dos processos essenciais. Ao observarmos a natureza, podemos perceber tais ritmos com mais facilidade. A semente cai no chão, germina, cresce, floresce e frutifica. Existe o tempo de caju, de manga, de umbu, de jabuticaba. A planta do semi-árido, por exemplo, sabe que precisa armazenar água de alguma forma em sua estrutura para sobreviver ao tempo de estiagem. Para tanto, se prepara, cria estruturas de acúmulo, retorce seus galhos e engrossa sua casca. Na época seca se desfaz de suas folhas e garante um metabolismo mínimo necessário a sua sobrevivência. Todos os seres numa floresta estão interagindo, se complementando, criando uma teia de relações de uma complexidade

infinitamente sábia. Cada um desempenha uma ou mais funções, e depende de vários outros para permanecer vivo.

De modo generalizado na sociedade atual, os ritmos estão descompassados, os seres não interagem na complementariedade e as doenças sociais estão cada vez mais agravadas. Os sistemas produtivos que garantem a alimentação humana e de animais domesticados estão cada vez mais simplificados, do ponto de vista da diversidade (responsável pela estabilidade) e, conseqüentemente, mais frágeis e susceptíveis à proliferação de pragas e doenças. Analogamente, a globalização tem massificado uma cultura mundial, que acabou por reduzir a diversidade existente entre as comunidades locais, o que gera o desequilíbrio, as doenças e mazelas sociais tão amplamente conhecidas.

## A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE DESENVOLVIMENTO

Parece-me que para o bom desempenho do profissional de desenvolvimento é necessário pensarmos em uma formação abrangente, que considere os aspectos dos processos, dos indivíduos e também da natureza.

A contextualização dos processos, dentro de uma perspectiva sistêmica e intimamente relacionada à vida, pode fazer grande diferença na formação de profissionais que desejem atuar para contribuir efetivamente considerando as transformações que ocorrerem em momentos de mudanças e a complexidade das relações inerente a elas.

Considerando os ritmos aludidos acima, seria saudável se conseguíssemos atribuir momentos para que o profissional de desenvolvimento pudesse criar condições de aprofundar sua relação com a natureza. Além desse, outros momentos para o silenciar, para o compartilhar. Enfim, que fosse considerado o tempo de religar-se, numa espécie de inspiração, de introspecção, busca, conexão consigo mesmo por meio da reaproximação da natureza. Em harmonia, elaborar seus próprios ritmos com tempos para cada momento importante. Tempo de interagir, de contribuir de facilitar. Tempo de trocar, de revisar de reciclar e ser acompanhado.

Preocupa-me muito como estamos cada vez mais mentais, cognitivos, centrados num mundo das ações repetitivas e superficiais. Entendo que essa reaproximação pode

contribuir para quebra desses paradigmas impostos por um mundo globalizado, onde a acumulação, a busca desenfreada por resultados, nos deixa cada vez menos humanos.

Ouso dizer que nos falta coragem. Coragem de abrir mão de algumas conquistas, normalmente materiais, mas muitas vezes emocionais também, em troca de penetrar num mundo mais profundo. Profundidade que paradoxalmente, pode estar no re-estabelecimento de uma simples ligação com a Natureza. Escondemo-nos atrás de nossos papéis sociais e talvez nunca mais recuperemos o que poderíamos ter sido, na plenitude de nossas almas. Isso assusta, deprime-me, entristece-me.

## DEPOIMENTO PESSOAL

De alguma forma encontrei na Permacultura<sup>2</sup> muitas respostas, ou pelo menos, caminhos e alternativas pra tornar possível uma convivência mais harmônica com a natureza. Houve o tempo de me apaixonar, de vibrar com a descoberta. Conheci um mundo novo, cheio de possibilidades. Acreditei que poderíamos diminuir a velocidade dessa devastação generalizada, sensibilizar pessoas. Ainda acredito. O desafio foi trazer para permacultura, o que no meu entendimento faltava. O aspecto social. Cansei de escutar de muitos permacultores: “isso não é permacultura”. Inicialmente me incomodei muito. Quis mudar inclusive o nome da instituição em que trabalho há 8 anos — o Instituto de Permacultura da Bahia<sup>3</sup> —, somente porque o nome Permacultura de alguma forma nos impunha limitações. Os rótulos me incomodam! Aprisionam. Mas também percebi que poderíamos fazer uma permacultura diferente. Hoje somos referência para outros centros de permacultura. Somos o único instituto que ousou levar a permacultura para as camadas pobres, mais necessitadas. Ousamos falar de espiritualidade (palavra proibida em muitas

---

<sup>2</sup> O conceito foi criado pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren, nos anos 70. É uma reunião dos conhecimentos de sociedades tradicionais com técnicas inovadoras, com o objetivo de criar uma "cultura permanente", sustentável, baseada na cooperação entre os homens e a natureza.

<sup>3</sup> Associação civil, cuja missão é semear conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento integral de pessoas e comunidades, aliado à conservação da natureza.

rodas de permacultura), ousamos até dizer que permacultura é espiritualidade! Fomos combatidos, hostilizados. Resistimos. Ampliamos o conceito, re-inventamos.

Ao passo que fomos superando esses conceitos cristalizados, conseguimos trazer à vida a “nossa permacultura”. Fase ímpar, com certeza divisora de águas pra todos que resolveram embarcar nessa aventura idealística. Pronto, tudo tranqüilo? Definitivamente não! Para que isso fosse possível, tivemos que impor tempos e processos que nada tem haver com qualidade de vida, cuidado com as pessoas, preceitos da ética permacultural.

Sinto-me hipócrita quando falo sobre permacultura, qualidade de vida, *religação*. Quando tento sensibilizar os pequenos agricultores para que compreendam a importância de produzirem seu próprio alimento, de cuidarem da saúde, de cuidarem da terra! Moro em apartamento. Literalmente tem alguém que defeca na minha cabeça e eu defeco na cabeça de outro alguém. Perdoem as colocações, mas as inquietações são latentes e nem sempre sei a melhor forma de expressá-las. Ando sozinha no meu carro pra cima e pra baixo. Viajo de avião inúmeras vezes por ano. Compro minha comida e muitas vezes não sei de onde vem. Não composto meu lixo, não vou às reuniões de condomínio e nem sei o nome de todos os moradores do meu andar. Faz tempo que não vejo uma estrela cadente. Como carne. Sobrecarrego-me de trabalho, concentro atividades. Moro a poucos quilômetros da praia e passo meses sem colocar o pé na areia.

Às vezes penso: era muito melhor não saber, não ter a consciência. Bastava ligar o piloto automático e seguir na minha rotina. A consciência gera muita angústia. Pergunto-me: até que ponto eu quero provocar angústia nas outras pessoas também? Não seria mais generoso, e mesmo coerente diante dos meus próprios hábitos, calar-me e poupar os outros de tal angústia?